

**NOS DESCAMINHOS DA CIDADE:  
REFLEXÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DAS GALERIAS DE  
JUIZ DE FORA (MG)**

**Sônia Maria Clareto, UFJF, PROPESQ/UFJF**  
Professora Adjunto na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de  
Fora. Professora-pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da  
UFJF. Coordenadora do Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia  
(NEC). Coordenadora da pesquisa.  
sclareto@yahoo.com.br

**Marina Furtado Terra, UFJF, bolsista PIBIC/CNPq**  
Graduada em Geografia, foi bolsista PIBIC/CNPq, no biênio 2004/2006. Atualmente é  
professora substituta no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF.  
mfurterra@yahoo.fr

**GALERIAS, PASSAGENS, ENTRE-ESPAÇOS: UM ESTUDO  
DE ESPACIALIDADES EM REGIÕES CENTRAIS DE JUIZ DE FORA – MG**

**JUIZ DE FORA  
2007**

**NOS DESCAMINHOS DA CIDADE:  
REFLEXÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DAS GALERIAS DE  
JUIZ DE FORA (MG)**

**RESUMO:**

O presente trabalho pretende tecer reflexões acerca da primeira fase da pesquisa intitulada “Galerias, passagens, entre-espços: um estudo de espacialidades em regiões centrais de Juiz de Fora”. Esta tem como foco investigar a constituição das galerias da região central de Juiz de Fora, assim como compreender a imagem que pessoas que vivem e convivem nestas galerias produzem da espacialidade que ali se estabelece. Para investigar estas questões, lançamos mão de uma investigação com abordagem qualitativa de cunho etnográfico. Trata-se dos resultados parciais da primeira etapa da pesquisa em que procuramos refletir acerca da constituição histórica das galerias, sobretudo na composição da urbanidade juizforana, com especial atenção para sua história até as décadas de 20 e 30 do século XX, aproximadamente. Abordaremos as relações sócio-culturais que se estabelecem nesse chamado “shopping a céu aberto”. Nos debruçamos, principalmente, na história da construção da galeria Pio X, da galeria Constança Valadares e da galeria Borges de Matos. Para tanto, lançaremos mão de análise documental e tomada de depoimentos com personagens bastante significativos neste processo não buscando construir uma historiografia desta constituição, mas fundamentalmente, uma interpretação histórica desta.

**Palavras-chave:** Espaço. Galerias. Urbanidade.

## **NOS DESCAMINHOS DA CIDADE: REFLEXÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DAS GALERIAS DE JUIZ DE FORA (MG)**

O presente trabalho pretende tecer reflexões acerca dos primeiros resultados referentes à pesquisa intitulada **Galerias, passagens, entre-espços: um estudo de espacialidades em regiões centrais de Juiz de Fora<sup>i</sup>**. Trata-se, portanto, de um relato de interpretações parciais da investigação. A pesquisa que dá origem a esse artigo procura uma compreensão do sentido que pessoas que vivem e convivem em regiões centrais da cidade de Juiz de Fora atribuem a uma característica, do nosso ponto de vista, marcante na constituição da sua urbanidade: as **galerias** da região central da cidade. A pesquisa em questão foi organizada em duas fases<sup>ii</sup>, fundamentalmente: na primeira delas, que será o foco desse trabalho, pretendemos pensar a constituição histórica das galerias centrais da cidade; ou seja, como as galerias aparecem na configuração urbana de Juiz de Fora a partir de depoimentos de pessoas envolvidas direta ou indiretamente nesse processo e que será o foco deste trabalho.

Lançamos um olhar diferenciado para o espaço urbano<sup>iii</sup> desta cidade, em especial para as galerias localizadas em sua região central. Fomos motivados a pesquisar esse espaço a partir da observação de uma peculiaridade desta cidade mineira: o grande número de galerias concentradas na sua região central (atualmente, cerca de 20 galerias). Estaremos chamando de galerias as passagens que funcionam como ligação entre duas ruas, em sua maioria paralelas e, a maior parte, possui lojas em seu interior. Estaremos aqui delimitando a área de estudo à região compreendida entre as avenidas Rio Branco e Getúlio Vargas e entre as ruas

Batista de Oliveira, Mister Moore e Santa Rita, onde se concentra o maior número de galerias desta região central.

Neste sentido, uma questão fundamentalmente nos move: que sensações, sentimentos, racionalidades, ou seja, que práticas e saberes sócio-espaciais configuraram-se para que a região central da cidade se constituísse nesta organização urbana que tem como foco as galerias? Quer dizer, os espaços urbanos, via de regra, se constituem distanciando-se da racionalidade de urbanistas e arquitetos – quase sempre tomado como substância, como algo exterior, constituído em si mesmo – para assumir uma dimensão de espaço vivido, com uma multiplicidade de sentidos. Sendo assim, que sentido teve a construção da primeira galeria de Juiz de Fora? Como, a partir de uma primeira iniciativa, as galerias passaram, pouco a pouco a fazer parte da estrutura urbana da cidade? Estas são as questões sobre as quais nos debruçaremos no momento.

Procuramos, assim, compreender o contexto cultural em que a cidade e, principalmente, a rua Halfeld, estavam inseridas nas primeiras décadas do século XX, já que é nesse período, e nessa rua, que surge a primeira galeria da cidade: a Pio X. Concordamos com Corrêa quando este ressalta que “a cultura não deve ser vista como independente das condições materiais de existência (...) contudo, não pode ser concebida como mero reflexo dessas condições” (2003, p.169). Para isso, entretanto, foi preciso voltar nosso olhar para a própria constituição da cidade de Juiz de Fora, pois consideramos que “(...) o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente” (p.8).

Organizamos nosso artigo em duas partes: na primeira, nos propomos a abordar aspectos da história da construção da urbanidade juizforana, numa ênfase social e cultural; na segunda, abordaremos a construção das galerias centrais, com foco na primeira galeria, a Pio X e no processo de gestação da galeria João Borges de Mattos e da galeria Constança Valadares.

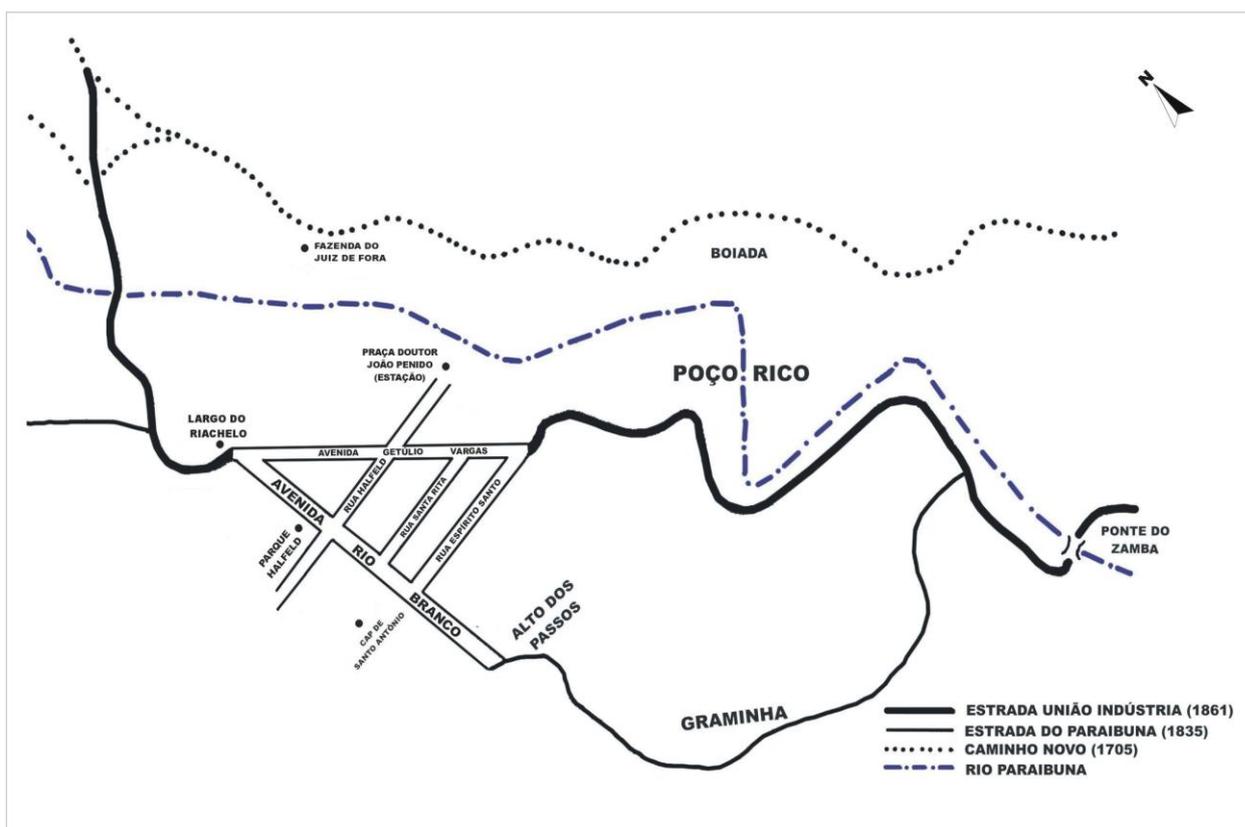
## **UM (DES) CAMINHO HISTÓRICO<sup>iv</sup>**

O primeiro fio no qual nos apoiamos para iniciar nosso percurso investigativo foi o da história. Buscamos lançar um olhar histórico para a constituição das galerias de Juiz de Fora sem nos atermos a uma reconstituição histórica pormenorizada dos fatores econômicos, sociais e políticos da época.

Na constituição da urbanidade juizforana, alguns movimentos históricos se destacam e nos dão uma materialidade de tal constituição. Procurando dar uma certa espacialização para tais eventos históricos, construímos um esboço (FIGURA 2), elaborado ao longo da investigação, que pretende dar uma melhor visualização da constituição da região central da cidade. Mesclamos informações antigas – o *Caminho Novo*, a *estrada do Paraibuna* e a *estrada União & Indústria*, o antigo traçado do rio Paraibuna, a antiga sede da fazenda do Juiz de Fora, o morro da Boiada – com informações atuais como o traçado de algumas ruas e avenidas originadas dessas antigas estradas – as avenidas Barão do Rio Branco e Getúlio Vargas, a ruas Halfeld e Santa Rita – e pontos de referência de localização como a Praça da Estação e o Morro do Imperador. A partir desse mapa, podemos melhor visualizar o papel de destaque que a Rua Halfeld desempenha já nas primeiras décadas do século XX, ligando a Avenida Rio Branco à Praça da Estação.

FIGURA 2

## JUIZ DE FORA: Caminhos Históricos da Constituição da Cidade



FONTE: Adaptado de Oliveira, 1966. UFJF Elaborado por Marina F. Terra. Executado por Angela Furtado. 2006

Outro evento que gostaríamos de destacar é o inventário *posmortum* do Tenente Antônio Dias Tostes, em 1850, que estabeleceu a divisão da atual área central de Juiz de Fora em 12 faixas de terra que começavam no morro do Imperador e se estendiam até o rio Paraibuna, que foram distribuídas entre seus herdeiros. As faixas eram paralelas entre si e perpendiculares à Rua Direita (atual Avenida Rio Branco). Conforme o povoado ia crescendo, vários desses proprietários foram fazendo doações de suas terras, para a construção das primeiras ruas que acabaram seguindo um traçado que acabou se constituindo, do ponto de vista de traçados urbanos, em um fator importante para o nascimento das galerias.

No presente artigo, apesar da relevância dos dados históricos para o tema, não iremos explorar, com mais detalhes, essa abordagem: restringir-nos-emos

aos fios da história oral constituída a partir de nossos depoentes, focando a criação das galerias, com especial destaque para a primeira delas, a Galeria Pio X, a Galeria Constança Valadares e a Galeria Borges de Matos.

Não estamos buscando construir uma historiografia dessa constituição, mas nos basearemos, fundamentalmente, em uma interpretação histórica. Para tanto, lançaremos mão de análise documental e tomada de depoimentos com personagens bastante significativos nesse processo. Discutiremos, no presente texto, o depoimento de três personagens: o sr. Roberto Vieira<sup>v</sup>, neto do sr. Arthur Vieira<sup>vi</sup> que empreendeu a construção da primeira galeria da cidade, a galeria Pio X (ligação entre as ruas Halfeld e Marechal); o sr. Ferreirinha<sup>vii</sup>, filho do sr. Ferreira, dono da primeira loja da galeria Constança Valadares (ligação entre as ruas Halfeld e São João); e o Dr. Moacir Borges de Mattos<sup>viii</sup>, filho do sr. João Borges de Mattos, que dá nome a uma das galerias da cidade (ligação entre as ruas São João e Santa Rita).

### **ABRINDO GALERIAS: Sonhos e Encantamentos**

Entre 1923 e 1932, foi construída a primeira galeria da cidade, pelo Sr. Arthur Vieira num centro urbano já consolidado, no qual destacaremos as avenidas Rio Branco e Getúlio Vargas e as ruas Halfeld e Marechal Deodoro. Em 1923, Artur Vieira anunciou a construção da Galeria Pio X, que ligaria as ruas Halfeld e Marechal Deodoro, duas das ruas mais importantes da cidade, nas quais se concentrava boa parte das casas comerciais da cidade. Segundo conta o próprio Arthur Vieira,

Numa das viagens ao Rio, fiquei deslumbrado com um projeto, cujas obras estavam no início, uma galeria ligando duas ruas, no centro do Rio, as atuais Rio Branco e Gonçalves Dias, não apenas para servir aos pedestres

como travessia. Ao entrar nela, a pessoa será envolvida por vitrines atrativas, de dezenas de lojas, lado a lado, cada qual oferecendo sua mercadoria. Fiquei um tempo com a galeria na cabeça imaginando uma ligando a Halfeld com a Marechal, a meio caminho entre Rio Branco e a Batista de Oliveira (YAZBECK, 2003, p. 59).

A firma encarregada pela obra foi a construtora Mancebo & Bracarini de Belo Horizonte, uma vez que, segundo Roberto Vieira, a construtora Pantaleone Arcuri, a grande construtora local, uma das mais importantes de Minas Gerais, recusou a proposta de realizar tal construção alegando sua dificuldade. Roberto Vieira afirma que:

*eles [os donos da Pantaleone Arcuri] disseram até que não iriam construir essa galeria de jeito nenhum, que isso nunca ia dar certo, que era uma loucura da cabeça dele [do seu avô, sr. Arthur Vieira]. Ele teve que ir em Belo Horizonte buscar construtores de fora, pra poder conseguir construir a galeria porque em Juiz de Fora ninguém acreditava que isso sairia.*

Em Yasbeck (2003), vemos que o construtor da primeira galeria teria sido de São João Del Rey:

Como acredito muito nas minhas idéias, não desisti, e fui buscar em São João Del-Rey um engenheiro italiano, chamado Bacarini, que morava lá. Levei-o ao Rio para conhecer o desenho da galeria, e ele aceitou o desafio. Um mês depois, o projeto estava concluído. Houve alterações e adaptações, mas o básico da idéia foi respeitado (p. 60).

A construção da galeria Pio X foi efetuada em duas etapas: a primeira corresponde à parte da galeria que, saindo da rua Halfeld, vai até a metade do quarteirão, em direção à rua Marechal Deodoro, inaugurada por volta de 1927. Para investir na realização do seu sonho, o sr. Arthur comprou um terreno na rua Halfeld, onde instalou sua relojoaria. A segunda etapa consistiu em abrir a outra parte da galeria, partindo da rua Marechal, em direção à Halfeld. Esta etapa, no entanto, dependeu da negociação com o dono da propriedade vizinha, situada na rua

Marechal. Esta história é contada por Arthur Vieira assim: “a investida seguinte foi o dono do terreno vizinho, que fazia divisa com o meu: Onofre Mendes, investidor em imóveis e terrenos, um homem com muitas propriedades, que aceitou negociar a sociedade na galeria” (YAZBECK, 2003, p. 61). A galeria foi concluída, dando vida ao sonho do sr. Vieira, cerca de oito anos após à conclusão da primeira etapa, quando Arthur Vieira já era o único proprietário da galeria Pio X, que recebeu este nome em homenagem ao Papa e por sugestão da mãe de sr. Vieira “que tinha pelo papa uma admiração especial” (p. 62).

Com o anúncio da construção da galeria “muitos chegaram a duvidar de sanidade mental de Artur Vieira e acharam que a obra iria colocar em risco sua fortuna” (Rádio FM Itatiaia e JF Service, 2000). A construção era considerada uma ousadia porque Minas Gerais não possuía galeria e o Rio de Janeiro, contava apenas com uma, a Galeria Cruzeiro, na qual, há indícios, o sr. Vieira teria se inspirado.

A Galeria Pio X, até hoje, mantém traços arquitetônicos da primeira metade do século XX, embora tenha passado por várias reformas. Recentemente, ganhou uma cobertura transparente, com desenhos do artista juizforano Dnar Rocha.

Com a história da primeira galeria marcada por pioneirismo e ousadia, como as outras galerias foram se sucedendo e incorporando-se à Juiz de Fora, transformando o seu centro comercial em um “verdadeiro shopping à céu aberto”? Não pretendemos levantar as causas a partir das quais isso ocorreu. Nossa intenção é buscar compreender, mesmo que de maneira ainda incipiente, as falas de alguns personagens envolvidos nessa história. Para isso, tomamos depoimento de dois

moradores da cidade que se envolveram diretamente na história da construção ou ocupação de galerias.

De acordo com o sr. Roberto Vieira, a galeria foi um verdadeiro sucesso. Ele afirma que *“sempre teve inquilino, nunca faltou inquilino pra nenhuma loja aqui nessa galeria. Desde, vamos dizer assim, os primeiros dois ou três anos de construída nunca faltou inquilino, sempre tem fila de gente pra entrar”*.

Entretanto, o sr. Ferreirinha, ao contrário, afirma que

*Não tinha movimento na Pio X e o pessoal que montou loja ali passou aperto no início mesmo. Outra coisa que dificultava é que antigamente não tinha esse sistema de iluminação, igual de hoje: era tudo escuro. Aí o pessoal tinha medo de passar. As mulheres não passavam com medo dos pais não deixarem porque podiam ser estupradas, ameaçadas, violentadas... Tinha esse medo e os próprios pais, a família, passava isso pros filhos. Gerou um mal estar e os próprios construtores tinham medo de construir. Aí, depois que parece que deu certo a Pio X, depois de 10 a 15 anos, começou a ter um volume bom; os lojistas ficaram satisfeitos. Então, os construtores de Juiz de Fora resolveram valorizar o lançamento porque fazer uma galeria sem lojas, só com apartamentos em cima não justificava pra construção, não valia a pena. Então eles pegaram e fizeram na marra e deu certo. Viram que Juiz de Fora – o engenheiro, o prefeito – o perfil dela era construção de passagens e as passagens seriam as galerias ....*

O Dr. Moacir aponta um outro viés que parece se somar a este apontado pelo sr. Ferreirinha. Ele afirma: *“De forma que se você for justificar as galerias de Juiz de Fora parece que elas surgiram para aproveitamento de terreno nesses quintais que eram verdadeiras chácaras...”*. Ou seja, devido ao fato dos quarteirões serem muito extensos, a viabilização de uma passagem que encurtasse o caminho parece ser uma idéia bastante interessante. Este parece ser o sentido maior, visto por Dr. Moacir, das galerias.

Para o sr. Ferreirinha, a questão da geografia local, somada a uma forte influência francesa, teria sido decisiva para o sucesso das galerias como traço urbano da cidade, para além de suas condições de comércio. Ele afirma:

*a galeria puxou muito os projetos franceses. Para você ter uma idéia, ele [referindo-se ao sr. Arthur Vieira, ao empreender a primeira galeria da cidade] copiou dos franceses. Na França tem muita galeria e esse projeto é todo da França e lá funcionava e tinha um comércio intenso. [Por outro lado] Juiz de Fora é uma montanha, tipo um prato que vem das beiradas pro centro. Encaixou direitinho na arquitetura pra absorver várias galerias e deu certo porque são ruas paralelas que vão se comunicando através das galerias. (...) Então se encaixou direitinho. As condições também ajudaram... Eu acho que Juiz de Fora tem um Shopping aberto por causa das galerias,. Eu acho que esse mercado, esse comércio central nunca vai perder pra outros Shoppings e outros centros comerciais que foram lançados aqui em Juiz de Fora. O centro comercial de Juiz de Fora não vai deixar de ser ativo, dinâmico por causa desse projeto arquitetônico que tem Juiz de Fora. Eu acho que o centro de Juiz de Fora vai ser sempre valorizado como centro ativo, dinâmico que ele é e a própria Juiz de Fora tem esse comércio ativo, dinâmico.*

O sr. Moacir parece partilhar com o argumento das condições geográficas e arquitetônicas propiciadoras de um espaço que se constituiu como uma alavanca para o desenvolvimento das galerias. Para ele,

*as galerias que existem no centro, ligando as vias, [que] vão no sentido perpendicular ao rio Paraibuna, [as ruas] Sampaio, Espírito Santo, Braz Bernardino, Santa Rita, São João, Halfeld, Mister Moore... É um centro comercial muito grande e abriu essas galerias pra aproveitamento de terreno.*

De toda maneira, há sentimentos que parecem acompanhar a história das galerias: a paixão, o desejo, a admiração. Assim, o sr. Ferreirinha, filho do dono da primeira loja da galeria Constança Valadares, mostra uma paixão ao falar da galeria: mais que um local de trabalho, a galeria, a loja e as histórias que elas envolvem, parecem ser motivo de orgulho que o depoente aponta em relação ao seu pai e àquilo que ele fez pela galeria. Segundo ele, a galeria Constança Valadares foi construída em 1959. Seu pai, movido pela vontade de ter uma loja própria, adquiriu a primeira loja daquela galeria, um estabelecimento de revelação de fotografias. Seu pai não tinha condições financeiras de comprar uma loja na rua Halfeld, pois o valor era muito alto. Neste tempo, as galerias eram mal vistas, pois eram pouco iluminadas e desertas. O pai de Ferreirinha, então, começou a incentivar a

passagem por esta galeria no momento em que, com uma loja na rua Halfeld e outra na galeria, fazia com que as pessoas que mandassem revelar ou tirassem fotos na loja da Halfeld, que era a mais movimentada, buscassem a mercadoria na loja da galeria. Com isso ele começou a incentivar a passagem nesta galeria e, segundo seu filho, foi ele que deu vida a esta, que só começou a apresentar uma passagem expressiva de pedestres em 1963.

Segundo conta sr. Ferreirinha, a Galeria Constança Valadares teria sido construída onde antes havia o Cine Glória, que foi derrubado e, em seu lugar, foi erguida a Galeria. Na mesma época, começa a ser erguida, também, a Galeria Belfort Arantes. Segundo ele, grande parte das galerias do centro da cidade teria sido construída entre os anos de 1959 e 1963, aproximadamente.

O mesmo sentimento de engrandecimento das galerias e dos feitos familiares parece rondar a Galeria João Borges de Mattos. Sr. Moacir conta assim essa história:

*Meu pai era dono de uma propriedade na rua Santa Rita e dono de também uma outra casa na rua São João, mais ou menos na mesma posição de posse de um trecho dessa chácara que ligava as duas casas pôde-se fazer a galeria João Borges de Mattos. Para isso meu pai teve que providenciar um monte de coisa, pois era realmente um homem muito empreendedor. Venceu muitas dificuldades e ainda o fato de que a dona que queria vender [o terreno] pro meu pai alegava “e como que eu vou ficar com a parte depois dessa galeria?” Dona Constança [Valadares]<sup>ix</sup> impôs a condição de que os outros proprietários situados abaixo da galeria comprassem também as suas posses. E foi assim que aconteceu: meu pai foi procurar a associação dos empregados do comércio que interessou por comprar a parte dela [da dona Constança Valadares]. Foi procurar, depois, Ormino Maia que morava na rua Santa Rita, que também se interessou por sua parte. Todos que estavam depois do meu pai acharam possível e viável a compra. Então, aí está a história de como se abre uma galeria pra dar acesso. Veja só: esse quarteirão todo enorme não teria uma possibilidade de comunicação a não ser pelas vias exteriores. Agora o quanto de facilidade que não criou essa galeria? (...) Meu pai foi a Rio Novo<sup>x</sup> para comprar a casa da rua São João e acho que ele não discutiu muito o preço porque acho que era de interesse dele abrir a galeria era plano dele. Mas, infelizmente, faleceu. Nós [ele e seus quatro irmãos] achamos que era uma dívida moral de honra à memória dele abrir a galeria e por isso demos o nome dele depois...*

Essa parece ter sido uma história de um sonho para cuja realização não se medem esforços... Um sonho de um homem de sua época que parece nos refletir a própria época: seus valores, seus sentidos, suas trilhas, seus caminhos...

A partir desse olhar lançado para a constituição das galerias de Juiz de Fora, podemos melhor compreender a questão que se colocou inicialmente em nosso trabalho. O que nos interessa investigar está diretamente ligado à fala dos personagens da história de Juiz de Fora e, que por sua vez, atrela-se à noção de conhecimento que estamos abarcando nessa investigação.

Os depoentes que participam desta investigação parecem nutrir um sentimento de paixão e encanto, em relação às galerias, suas construções e ocupações. Este encantamento parece fazer parte do imaginário dos pioneiros na construção das galerias da cidade. O sr. Artur Vieira, nos idos da década de vinte do século passado, encantou-se com uma galeria na cidade do Rio de Janeiro e, seduzido por sua beleza e modernidade, projetou e construiu a primeira galeria de Juiz de Fora. Igualmente seduzido, o sr. João Borges de Mattos, nos anos 1940, *“não mediu esforços”*, segundo seu filho, Dr. Moacir Borges de Mattos, para buscar construir sua galeria, que só viria a se concretizar na década de 1980, por ser *“um desejo de meu pai”*. Desejo, encanto, encantamento... adjetivações que parecem permear a história das galerias juizforanas. Ao menos esta vem sendo nossa leitura.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CLARETO, S. M., TERRA, M.F. et alii. Nos caminhos da constituição das galerias: um estudo de espacialidades urbanas em Juiz de Fora (MG). In: **Anais do IV Fórum de Investigação Qualitativa – III Painel Brasileiro-Alemão de Pesquisa**. FEME, 2005.

\_\_\_\_\_. **Terceiras Margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá)**. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática.

Tese de Doutorado. Orientador prof. Dr. Ubiratan D'Ambrósio. Rio Claro: UNESP, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAL, Z.(orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Rádio FM Itatiaia, JF Service. "Galeria Pio X". In **Juiz de Fora 150 anos em um minuto**. Disponível em <http://www.ifservice.com.br/arquivo/jf150anos/1207/>. Acessado em 07 de junho de 2005, Publicado em 12 de julho de 2000. (conjunto de crônicas).

YAZBECK, Ivani. **Uma Noite no Raffa's**. Juiz de Fora: Editora Templo, 2003.

---

<sup>i</sup> A equipe de bolsistas para a realização da investigação foi composta por uma aluna do curso de Geografia, Marina Furtado Terra, um aluno do curso de História, João Paulo Souza Vieira e uma aluna do curso de Matemática, Manuela Aleixo Zaninetti, sob orientação da Prof. Dr. Sônia Maria Clareto. A referida pesquisa recebeu financiamento da PROPESQ/UFJF, através do Programa de Apoio a Recém-Doutor.

<sup>ii</sup> Na segunda fase, procuramos pensar como moradores, trabalhadores e transeuntes em geral compreendem o espaço urbano do centro da cidade, a partir das vivências propiciadas pelas galerias; nosso instrumento fundamental será a elaboração de cartografias simbólicas (CLARETO, 2003).

<sup>iii</sup> Espaço urbano, neste trabalho assumirá uma dimensão simbólica, uma vez que de acordo com Corrêa "Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetadas nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc (2000, p.9).

<sup>iv</sup> A contextualização histórica aqui apresentada faz parte de um dos eixos orientadores no desenvolvimento da pesquisa principal e foi apresentada em forma de comunicação oral e publicada nos Anais do IV Fórum de Investigação Qualitativa - III Painel Brasileiro Alemão de Pesquisa em 2005 (CLARETO ET ALII, 2005).

<sup>v</sup> Roberto Vieira é neto do Sr. Arthur Vieira (depoimento gravado em 20/10/2004).

<sup>vi</sup> Arthur Vieira nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Órfão de pai, mudou-se para Juiz de Fora aos dezenove anos, na companhia de sua mãe. Havia aprendido a profissão de ourives e joalheiro. Abriu a segunda joalheria da cidade e em um ano ficou rico (YAZBECK, 2003).

<sup>vii</sup> Depoimento gravado em 10/05/2005.

<sup>viii</sup> Depoimentos gravados em 22/03/2005 e 12/04/2005.

<sup>ix</sup> A dona Constança Valadares era proprietária de uma residência na Avenida Rio Branco que tinha seu terreno até a rua Batista de Oliveira, tomando, assim a extensão de todo o quarteirão.

<sup>x</sup> Cidade da região, próxima à Juiz de Fora.